

# Pesquisas

## I - CONCEPÇÃO DA LÍNGUA PADRÃO

Por: Ângela Maria Noeltzold  
Aluna de Letras - UNIR

Este trabalho foi feito com base em uma pesquisa através da pergunta: "Você sabe Português?". Com fichas, por escrito, dez pessoas de diferentes graus de escolaridade, idade e profissões foram interrogadas. Destas dez, cinco frequentam a escola e cinco desistiram ou concluíram.

Em uma primeira análise, o Português é visto como matéria:

*"É uma matéria muito difícil. Gosto muito das aulas de Português, porém, pouco entendo. Penso que nunca irei falar bem e tampouco entender as pessoas que falam direito, dentro do Português. Acho a Língua correta, muito bonita. Quem sabe um dia não irei falar melhor..."*

(Ademir, 32 anos, funcionário público, cursando a 6ª série/noturno)

O estudante afirma gostar das aulas de Português. Pensa que nunca irá falar, mas ao mesmo tempo tem esperança de um dia falar melhor essa Língua "muito bonita". Vê o Português como algo inatingível e diz que "não entende as pessoas que falam direito", no entanto, idealiza um dia falar melhor. Não percebe que essa possibilidade poderá torná-lo também alguém que não será entendido pelos outros.

O Português é visto como objeto de ascensão social. Representa o futuro. O entrevistado é funcionário público, um trabalhador intelectual.

Vale observar que esse entrevistado, ao entregar sua resposta, quis saber se era isso mesmo que deveria ser respondido e pediu desculpas pelos "erros".

Os depoimentos seguintes são semelhantes:

*"O Português correto é muito difícil. Tento falar correto, mas não consigo."*

(Nélis, 21 anos, professora, cursou o 2º Grau)

*"Acho que é a língua mais difícil do mundo."*

(Márcia, 23 anos, balconista, cursando a 5ª série)

*"Sempre tirei nota baixa em Português. Sempre foi a matéria que tive mais problemas. Aliás, já reprovei em alguns cursos por causa do Português. Principalmente nos acentos, sempre fui péssimo e os professores não deixam passar nada."*

(Nélson, 21 anos, torneiro mecânico, cursou até a 8ª série)

Este último não vê o Português como um mito inatingível. Não representa o

futuro, mas os fracassos do passado. Uma vez que sua profissão - torneiro mecânico - não exige tanto "saber o Português".

*"Não sei o Português e acho cada vez mais difícil. Nas aulas, o professor é um tanto estúpido. Não dá para entender ele. Vou ter que comprar uma Gramática para ver se aprendo um pouco."*

Antônio se sente na condição de quem não sabe, mas tem obrigação de saber o Português, mesmo sem o auxílio do estúpido professor de Português. A Gramática é a solução.

Ana Cláudia afirma ter reprovado por não saber e (consequentemente) não gostar do Português. Estuda porque precisa:

*"...Se eu não estudar, não vou conseguir nunca ser alguém na vida..."*

(Ana Cláudia, 20 anos, empregada doméstica, cursando a 7ª série)

O depoimento a seguir é de um entrevistado com curso superior:

*"Para o meu trabalho sei o suficiente. Eu também não poderia dar aula de Português, que precisa estar por dentro de tudo. Minha área não é essa."*

(Carlos, 30 anos, agrônomo, concluiu o curso)

Retorno à idéia de Português como disciplina. Algo isolado das demais áreas de conhecimento. Mesmo com curso superior, acha que o Português dele limita-se ao âmbito do trabalho. Ultrapassando esse limite, "saber Português" é algo exclusivo de professores da área.

A Linguística afirma não existir Língua superior ou inferior. O que existe são variações. Partindo desse princípio é que dois entrevistados do curso de Letras formulam sua opinião. Uma nova concepção:

*"Eu sei o Português usado no dia-a-dia, entretanto, do Português normativo, sei pouco."*

(Zé Maria, 22 anos, funcionário público, estudante de Letras)

A maioria dos entrevistados, porém diz não saber o Português. Além das negações, nota-se que concebem esse saber ligado somente à escola. Embora coloquem a escola como o único caminho, todos frequentam ou frequentaram, mas não ocorre a possibilidade de algum saber Português.

É importantíssimo ressaltar as reações dos entrevistados ao ter de responder "Você sabe Português?". De certa forma o entrevistado se sente um pouco agredido. Alguns dos procurados se recusaram a responder alegando falta de tempo ou então pedindo para fazer em outra hora. Outros pegaram a ficha e não entregaram. Dos que aceitaram responder quem não pediu desculpas oralmente pelos erros, se justificou na escrita, colocando observações no final:

*"Português para mim é um bicho-de-sete-cabeças... Vê se não tem erros..."*

*"Desculpe se não era o que queria e não leve em conta os erros."*

## CONCLUSÃO

O medo do "monstro", confirmado nas respostas dos entrevistados, pode se dar por várias razões:

- a) A resposta exige reflexão e um comentário, algo que as pessoas raramente fazem;
- b) Ao pensar e precisar comentar a questão, se deparam mais uma vez com a triste idéia de não saber o Português;
- c) Sentem-se inferiores em relação a quem entrevista, por pensarem que o pesquisador domina perfeitamente o Português, motivo pelo qual pedem tantas desculpas pelos erros;
- d) Em geral, não se pratica o ato de escrever. Tornando-se, portanto, uma resposta de poucas linhas, uma difícil tarefa.

A pergunta usada para o trabalho, além de ter um sentido amplo, não especifica o tipo de Português: falado ou escrito. Alguns se referiram à fala; outros à escrita. Mas em geral se referiram ao Português correto sendo usado da mesma maneira, em qualquer nível e em qualquer circunstância. Também nenhum diferenciou Língua-Padrão apenas para a escrita.

Em última análise, os depoimentos confirmam que a escola é o caminho para se chegar ao domínio da Língua-Padrão, mas nem todos que frequentam conseguem atingir esse objetivo. Algo está errado. Não resta dúvida de que a escola está agindo de modo inadequado. Além de não estar desenvolvendo a capacidade comunicativa dos alunos, ela é a portadora de uma concepção gramaticalista e preconceituosa da Língua.

O conceito que os alunos têm é de que somente uma Língua (a padrão) é a certa, desprezando as demais variações. Por esse "pré-conceito" as pessoas se sentem inferiores. Ao mesmo tempo em que a pergunta provoca uma reação de inferioridade, os entrevistados aproveitam a oportunidade para manifestar um pouco da revolta que têm contra as injustiças cometidas pela escola com algo que os falantes da Língua Portuguesa dominam desde os primeiros anos de vida. A maneira como é ensinada a Língua Portuguesa é injusta quando discrimina e até exclui (reprova) o aluno da escola por não "saber o Português."

## BIBLIOGRAFIA

LUFT, Celso Pedro. Língua e Liberdade. Porto Alegre, LP&M, 1985.

GERALDI, João Wanderley. O Texto na Sala de Aula. São Paulo, Assoeste, 1984.

GARCIA, Edson Gabriel. A Leitura na Escola de 1º Grau. São Paulo, Loyola, 1988.